

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS – UNIFAL

**LETÍCIA DOS SANTOS ROSA**

**GÊNERO, RENDA E VIVÊNCIA DE ESTRESSORES PSICOSSOCIAIS NO  
TRABALHO DOCENTE EM ESCOLAS PÚBLICAS**

Varginha/ MG

2021

**LETÍCIA DOS SANTOS ROSA**

**GÊNERO, RENDA E VIVÊNCIA DE ESTRESSORES PSICOSSOCIAIS NO  
TRABALHO DOCENTES EM ESCOLAS PÚBLICAS**

Trabalho de conclusão do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão TCP/PIEPEX. Apresentado como parte dos requisitos para fins do título de Bacharel em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas. Orientadora: Virgínia Donizete de Carvalho.

Varginha/ MG

2021

Dedico este trabalho a todos os docentes das instituições públicas, que mesmo diante das dificuldades, não descumprem seu compromisso com a educação.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus.

Agradeço a minha orientadora Virgínia pela oportunidade de desenvolver esse trabalho e por ter tido a paciência necessária para chegarmos até aqui.

Aos meus pais Luciana e Alex por me inspirarem a me dedicar a este trabalho, por serem excelentes pais e docentes, também por estarem sempre ao meu lado me apoiando e não me deixando desistir.

Ao meu noivo por todo suporte emocional, paciência e compreensão que necessitei durante o período de desenvolvimento deste trabalho.

À minha terapeuta Jéssica que também me deu grande suporte em todos os momentos da minha vida acadêmica.

## RESUMO

Com o intuito de compreender os fatores causadores de estresse que afetam os docentes em escolas públicas da rede estadual no Sul de Minas Gerais, o objetivo deste estudo foi analisar os estressores psicossociais presentes no trabalho desses profissionais, avaliando as diferenças de percepção dos estressores de acordo com o gênero e o nível de renda. Para isso, usa como parâmetro o estudo de Ferreira et al. (2015) sob o tema, que traz uma escala para avaliação de estressores psicossociais no contexto laboral. Paschoal e Tamayo (2004), definem estresse quando não há experiências positivas no local de trabalho, o indivíduo pode sofrer nessa situação. Esse tipo de estresse decorre quando a demanda de trabalho é vista como uma situação estressora, dificultando o ato de enfrentamento individual e causando impactos negativos. Martins (2007) aponta alguns fatores importantes que causam estresse nesses profissionais de docência, como a desvalorização do título, a falta de respeito dos alunos para com o professor, episódios crescentes de violência psicológica e física, falta de materiais e ferramentas didáticas, baixos salários, sobrecarga de papéis entre outros causadores. Este estudo é descritivo e quantitativo. Foram utilizados uso de técnicas padronizadas (questionário) de coletas de dados. As características da pesquisa acima citadas foram utilizadas para análise de uma população de 503 docentes e amostra de 338 participantes. Foi usado o instrumento construído por Ferreira et al. (2015) para analisar os estressores, divididos em sete dimensões: (conflito e ambiguidade de papéis; sobrecarga de papéis; falta de suporte social; insegurança na carreira; falta de autonomia; conflito trabalho-família; pressão do grau de responsabilidade). Os dados foram tabelados e processados no software SPSS, por meio de análise de médias, correlação e testes *t*. Obteve como resultado que os estressores, quanto à percepção por gênero, não apresenta diferenças, mas que alguns estressores são mais percebidos entre os docentes, de modo geral. E quanto às diferenças de percepção dos estressores por nível de renda, apenas o fator intitulado insegurança na carreira apresentou uma correlação negativa fraca, ou seja, indicando que quanto menor a renda, maior foi a percepção de insegurança na carreira do docente. Com base no conjunto dos resultados obtidos, é possível afirmar que este estudo pode contribuir para ampliar a discussão sobre os estressores no trabalho docente.

**Palavras-chave:** estresse; psicologia do trabalho; educação pública.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>7</b>
	2.1 ESTRESSE OCUPACIONAL.....	7
	2.2 ESTRESSE OCUPACIONAL ENTRE OS DOCENTES.....	8
	2.3 PERCEPÇÃO DE ESTRESSORES ENTRE DOCENTES EM RELAÇÃO GÊNERO E RENDA.....	10
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>13</b>
	4.1 PERCEPÇÃO DOS ESTRESSORES POR GÊNERO .....	14
	4.2 PERCEPÇÃO DOS ESTRESSORES QUANTO A RENDA.....	15
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>17</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A ausência de condições dignas de trabalho na organização é uma das razões que tende a desencadear nos indivíduos o estresse. Segundo Paschoal e Tamayo (2004), o estresse é conceituado quando as exigências de trabalho são percebidas como variáveis estressoras, ou seja, fatores que levam a um desgaste físico ou psicológico, penetrando assim o conjunto de defesas em que um indivíduo pode enfrentar. Onde se resulta diversas implicações negativas.

Muitos trabalhos têm estudado o estresse laboral enfrentado pelos docentes que são profissionais os quais desempenham um papel essencial na construção do conhecimento, instigando seus alunos a pensar, questionar, contextualizar e pesquisar, através da criação de interação entre aluno e professor.

Pesquisas anteriores mostram a relevância de estudos sobre este assunto e também mudanças necessárias a serem feitas no ambiente organizacional para sanar o problema em que numerosos docentes desencadeiam doenças pelo estresse.

Martins (2007), ressalta fatores importantes apontados como causadores de estresse nesta profissão, como a desvalorização do título, o desrespeito dos alunos, a fragilidade dos ambientes físicos, a falta de materiais didáticos e o crescente número de casos de violência no ambiente escolar. Além desses fatores descritos por Martins (2007), podem ser apontados os baixos salários, a sobrecarga de tarefas que incluem trabalho extraclasse, pressão quanto a prazos e a falta de tempo para conciliar família e emprego.

Com o intuito de compreender os fatores causadores de estresse que afetam os docentes em escolas públicas da rede estadual no Sul de Minas Gerais, o objetivo deste estudo foi analisar os estressores psicossociais presentes no trabalho desses docentes, avaliando as diferenças de percepção dos estressores de acordo com o gênero e o nível de renda. Para isso, usa como parâmetro o estudo de Ferreira et al. (2015) sob o tema, que traz uma escala para avaliação de estressores psicossociais no contexto laboral.

Neste estudo de Ferreira et al. (2015) é utilizado o modelo conceituado de Cooper, Dewe O'Driscoll (2001 apud FERREIRA et al., 2015), onde consideram seis principais categorias de estressores ambientais de natureza psicossocial: fatores associados à natureza do trabalho; papéis organizacionais; relacionamento interpessoal no trabalho; insegurança na carreira; conflito trabalho-família e características organizacionais.

O trabalho traz uma revisão bibliográfica sobre o estresse ocupacional, suas características e manifestações, aborda o estresse ocupacional no ambiente dos docentes e os estudos que relacionam o estresse entre os docentes em relação a gênero e renda. Após estas

seções são apresentadas a metodologia e os resultados. Em seguida é agregado com a conclusão do estudo ressaltando sua relevância perante as informações obtidas.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 ESTRESSE OCUPACIONAL**

Saúde mental no trabalho pode ser compreendida como bem-estar e felicidade no ambiente laboral. Quando não há experiências positivas o indivíduo pode sofrer com o estresse no seu local de trabalho. Esse tipo de estresse ocorre quando a demanda de trabalho é vista como situação estressora, dificultando o ato de enfrentamento individual e causando impactos negativos (PASCHOAL; TAMAYO, 2004).

Historicamente, as pesquisas sobre o estresse laboral tiveram início nos anos de 1950 e 1960, com temas como fadiga e higiene mental, pois, foram moldados pelos requerimentos da Primeira Guerra Mundial e refletiam mudanças socioeconômicas da época, abrindo brecha para pesquisa psicológica no trabalho (COOPER; DEWE, 2004 apud TAMAYO; MENDONÇA; SILVA, 2012).

Contudo, hoje, pode-se perceber também o estresse ocupacional como um esgotamento humano, que pode vir da dificuldade da pessoa em aguentar as exigências externas. Sendo essas exigências desiguais entre o ambiente em que vive e sua estrutura psicológica.

Observa-se também que com a globalização e o desenvolvimento tecnológico, houve uma mudança do mercado de trabalho. Notou-se diferenças na gestão, no trabalho em equipe, aumento da demanda por trabalhadores de múltiplas aptidões e altas taxas de emprego temporário, resultando também no estresse laboral. Expressões essas não somente usadas para designar o processo, mas também o conjunto de reações físicas e psíquicas provocadas pela vivência de condições adversas no ambiente organizacional (FERREIRA; ASSMAR, 2008).

A literatura abrange outras definições para o tema, como a do autor Walter Cannon que diz que o estresse é visto como estímulos psicossociais para reagir às ameaças, teoria conhecida como “resposta de luta e fuga”. Já Hans Selye (apud TAMAYO; MENDONÇA; SILVA, 2012) afirma que o estresse é uma resposta do organismo aos estímulos e demandas, caracterizada como uma síndrome, tendo três fases de reação: reação de alarme, de resistência e exaustão.

A fase de alarme é uma manifestação do organismo para dominar o cenário estressante após a identificação da ameaça, a fase de resistência onde se mantém a tentativa de superar a situação estressante e a fase da exaustão, que se caracteriza na perda de recursos do organismo e também da dificuldade de superação, que pode ocasionar impactos negativos e até morte.

Pode-se dizer que as definições de estresse são numerosas e até hoje causam divergências na comunidade científica, por não ter uma definição que seja um consenso. Mesmo com conteúdo vasto sobre o assunto não se pode afirmar a existência de um único perfil de indivíduo que está propenso a adoecer devido ao estresse, na medida em que isso depende da percepção de cada um sobre a situação ser fonte de tensão ou não, situações essas que também podem ocorrer no trabalho (COOPER; DEWE; O' DRISCOLL, 2001 apud FERREIRA et al., 2015).

Hoje, temos o estresse ocupacional como problema de saúde que atinge cada vez mais a população dentro da organização de trabalho, prejudicando o bem-estar do indivíduo e gerando impactos também na instituição. Atualmente, a maioria dos indivíduos passa a maior parte do tempo em seu local de trabalho, e em muitos casos estes não se encontram em um ambiente propício para uma boa saúde física e mental (WEBER et al., 2015).

Sabe-se que o estresse não acontece de repente, não está associado a um fato específico, mas sim à junção de várias situações que o indivíduo percebe como excedente a sua capacidade de enfrentamento (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). Ele acontece de forma gradativa, considerando as reações identificadas por Selye (apud TAMAYO; MENDONÇA; SILVA, 2012), que se iniciam com a reação de alarme.

Não se pode generalizar o conceito, pois, cada indivíduo sente de formas diferentes as situações estressoras. Deve-se ter a clareza de que o estresse ocupacional só acontece quando “o indivíduo percebe demandas do trabalho como estressores, os quais, ao exceder sua habilidade de enfrentamento, provocam no sujeito reações negativas” (PASCHOAL; TAMAYO, 2004, p. 46).

## 2.2 ESTRESSE OCUPACIONAL ENTRE OS DOCENTES

Mesmo com o fato de o estresse ocupacional ter consequências marcantes na vida de trabalhadores de diversas carreiras e organizações, a evolução de medidas psicométricas para a avaliação desse fato, com o suporte de modelos teóricos sólidos, tem sido deficiente no Brasil. Nesse sentido, optou-se em adotar como referência para esse estudo o artigo de

Ferreira et al. (2015) que objetivou desenvolver e obter evidências iniciais de validade de uma Escala de Avaliação de Estressores Psicossociais no Contexto Laboral (EAEPCL).

Existem alguns modelos para avaliação do estresse ocupacional que abordam tanto o número quanto a origem das causas relacionadas aos fundamentos do estresse, além disso, todos os modelos levam também em consideração, elementos psicossociológicos que se encontram no ambiente laboral os quais contribuem para desencadear o estresse (FERREIRA et al., 2015). Contudo, temos na literatura, um modelo mais referenciado, o de Cooper, Dewe e O'Driscoll (2001 apud FERREIRA et al., 2015), no qual se embasaram para construir a EAEPCL.

Para os autores há seis principais categorias de estressores, são eles: fatores associados à natureza do trabalho; papéis organizacionais; insegurança na carreira; relacionamento interpessoal no trabalho; conflito trabalho-família e características organizacionais (Cooper, Dewe & O' Driscoll, 2001 apud FERREIRA et al., 2015); FERREIRA; ASSMAR, 2008).

Os fatores associados a natureza do trabalho abordam aspectos que são específicos, como condições precárias, cobrança por prazos, mudanças de forma geral no ambiente organizacional, altas demandas, entre outros. Os papéis organizacionais são representados pela incerteza e conflito de tarefas, ou seja, a falta de clareza do trabalhador em relação as suas funções, e o desencontro de informações dentro da organização (COOPER; DEWE; O' DRISCOLL, 2001 apud FERREIRA et al., 2015).

A falta de estabilidade e perspectivas no trabalho, caracterizam a insegurança na carreira. Os relacionamentos interpessoais no trabalho referem-se às interações positivas ou negativas que os empregados mantêm com seus colegas e superiores (Kossek et al. 2011 apud FERREIRA et al., 2015) que, sendo positivas podem resultar em suporte emocional.

O conflito trabalho-família trata-se da discrepância entre as demandas dos papéis específicos do trabalho e dos realizados dentro de casa, ou o contrário, o que acarreta sobrecarga para o indivíduo. As características organizacionais divergem dos estressores antes citados, por este estar diretamente relacionado com a organização, ou seja, demanda uma análise com um grau macro (COOPER; DEWE; O' DRISCOLL, 2001 apud FERREIRA et al., 2015).

Mais tarde, Johnson et al. (2005 apud ZANELLI, 2015) incluíram como fontes de estresse, a remuneração e benefícios, recursos e comunicação. Para o presente modelo, foram utilizados somente cinco dessas categorias, as características organizacionais foram excluídas por estarem diretamente ligadas à organização e não ao trabalho em si.

Segundo Reis et al. (2005) os professores, por ter contato direto com as pessoas e terem alto teor de responsabilidades, estão mais propensos a conflitos em seu dia a dia e ao excesso de trabalho, tais como dupla ou tripla jornada e até problemas com estudantes que podem ir de ameaças verbais até físicas.

Martins (2007) denota que muito além da desvalorização, têm-se outros fatores que atuam na origem do estresse nessa categoria ocupacional. Temos uma realidade em que hoje ser professor está entre as últimas opções dos estudantes, em que é crescente a falta de respeito dos alunos, de infraestrutura e material didático, que deteriora o desempenho desse profissional e o cenário de violência está cada vez mais presente.

Tais fatores podem ocasionar o estresse desse profissional e quando os estressores são excessivos, podem, muitas vezes, ocasionar danos às relações sociais, devido aos sentimentos que pode desencadear. Podemos citar a ansiedade, tolerância baixa, irritação e isso não somente na escola, mas pode se estender para as relações familiares e de amizade, prejudicando o bem-estar do professor.

### 2.3 PERCEPÇÃO DE ESTRESSORES ENTRE DOCENTES EM RELAÇÃO GÊNERO E RENDA

No país e no mundo há uma relação de gênero largamente desigual no ambiente ocupacional, ou seja, os domínios e oportunidades são diferentes para homens e mulheres. No setor educacional não seria diferente, nota-se essa afirmação através da predominância de mulheres que ocupam o cargo de docentes.

Em uma pesquisa realizada pela Unesco (2004) sobre o perfil dos professores, foi constatado que mais de 80% dos professores são do sexo feminino. Quando se trata da educação básica de nível fundamental tem-se como principal referência o gênero feminino, com uma presença masculina maior no nível médio e no ensino superior e essa dominância feminina tem explicação histórica.

Segundo Araújo et al. (2006) no Brasil, mulheres foram “convidadas” a exercer a função de professoras, isso porque, entendeu-se que o ato de educar, era de estrita responsabilidade feminina, relacionando a profissão com atividades maternas, ou seja, cuidado com os outros. Neves et al. (2019) destacam que:

Frente à necessidade progressiva de expansão da rede de ensino brasileira, decorrente do processo de urbanização e industrialização em curso, verifica-se que os homens se retiram gradualmente no início do século XX do exercício da docência

no Ensino Fundamental, que passa a ser considerado como “trabalho de mulher”. Contudo, o processo de feminização do magistério se deve não apenas à paulatina presença maciça das mulheres, mas também por se atrelar à certa maneira tida como feminina de percebê-lo e exercê-lo, sedimentando assim um determinado tipo de fazer (NEVES, et al. 2019, p.2).

Observando a fragilidade que o ofício proporciona e o fato de que em sua grande maioria, as mulheres ficam responsáveis pelo trabalho doméstico, além do trabalho remunerado, o que caracteriza a jornada dupla de trabalho, essa carga horária maior pode favorecer a percepção maior do estresse nesse gênero. Reflexos da excessiva carga de trabalho sobre saúde são: impactos psicológicos como angústia, aflição e sofrimento, cansaço mental e físico; falta de tempo livre para descansar, dormir e se alimentar bem (ARAÚJO et al., 2006).

Segundo Glass & Fujimoto (1994 apud ARAÚJO et al., 2006) as horas de trabalho em casa elevavam a sintomatologia de depressão para ambos os sexos que tenham em acrescida em sua carga horária o trabalho doméstico.

Dentro do ambiente escolar as diferenças de gênero são notórias, pesquisas indicam que geralmente homens possuem um nível de escolaridade mais elevado e há predominância de mulheres nos ensinos básicos, fundamental I e II.

Um estudo realizado na rede municipal de ensino em Vitória da Conquista (BA) que considerou informações de 794 professores, sendo 747 do sexo feminino, constatou que:

Vínculo de trabalho provisório foi significativo entre os homens (42,6%), enquanto entre as mulheres representou apenas 13,1%. A manutenção de emprego em mais de uma escola também foi mais frequente entre os homens (63%) do que entre as mulheres (32,7%). O ensino em outra escola da rede privada foi mais frequente entre os homens (17,6%), contra 8,7% das mulheres. Já na rede pública a situação foi inversa, observando-se maior percentual de mulheres (85,9% contra 64,8%). Trabalhavam em outras escolas das redes pública e privada, simultaneamente, 17,6% dos homens e 5,4% das mulheres (ARAÚJO et al. 2006, p.1122).

Dentre todas as diferenças citadas, há também a do salário, essa mesma pesquisa apontou que os homens ganhavam cerca de 13% a mais que as mulheres. O que nos remete também a outro fator importante que pode estar relacionado à percepção do estresse ocupacional nos professores, a remuneração.

Gatti (2012 apud WEBER et al., 2015) entende que questões ligadas ao trabalho exercido pelos professores, como uma remuneração inferior aos demais, influencia diretamente na visão da sociedade sobre esses profissionais, causando um progressivo senso de desigualdade no grupo. Apesar da remuneração causar grande impacto no bem-estar desses

profissionais, não há muitos estudos específicos e aprofundados sobre esse tema, o que torna escasso pesquisas bibliográficas sobre esse assunto.

O estresse age de uma forma silenciosa e pode gerar traumas, desencadear doenças e levar até a morte. Como cada indivíduo tem sua forma de lidar com os fatores estressores e externam também de maneiras diferentes, torna - se mais difícil implementar medidas eficazes para esta situação.

Faz-se necessário uma consideração real e séria sobre este problema, para que mais pesquisas sejam realizadas principalmente no quesito renda, área que não tem muitos estudos, para um embasamento sólido nas medidas protetivas e preventivas para evitar o desencadeamento do estresse nesses indivíduos, considerando as variáveis externas e a individualidade humana.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo tem por base uma pesquisa descritiva e quantitativa. Pesquisa descritiva, se refere que fatos foram observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem a interferência do pesquisador. Também foram utilizados uso de técnicas padronizadas (questionário e observação sistemática) de coletas de dados. A pesquisa quantitativa caracteriza-se sendo a tradução em números as opiniões e informações para serem classificadas e analisadas, através de técnicas estatísticas (RODRIGUES, 2007).

As características da pesquisa acima citadas foram utilizadas para análise de uma determinada população e amostra. População se contextualiza como sendo um conjunto completo de elementos que possuem um parâmetro comum. Neste estudo temos como população 14 escolas estaduais situadas em um município da região no Sul de Minas Gerais, com um total de 503 docentes.

Já amostra é o subconjunto desta população, que no caso foram 13 escolas estaduais deste mesmo município e um número total de 338 docentes questionados. Importante ressaltar que se trata de uma amostra não probabilística por conveniência, ou seja, a amostra selecionada da população se refere aos indivíduos prontamente disponíveis para sua realização, e que não foram selecionados por critérios estatísticos (FREITAG, 2018).

O perfil sociodemográfico dos docentes desta amostra se caracteriza por uma faixa etária predominante de 31 a 50 anos; sendo a maioria do sexo feminino (72%), com variação salarial de 1 a 5 salários-mínimos. Desses docentes, grande parte possui especialização (52%) e cargo efetivo (62%) e geralmente trabalha em uma e/ou duas escolas.

Os instrumentos utilizados para o levantamento de dados nesse estudo foram a Escala para Avaliação de Estressores Psicossociais no Contexto Laboral (EAEPCL) e um formulário sociodemográfico. A EAEPCL foi construída por Ferreira et al. (2015) e apresenta 35 itens que são alocados em sete fatores ou dimensões (conflito e ambiguidade de papéis; sobrecarga de papéis; falta de suporte social; insegurança na carreira; falta de autonomia; conflito trabalho-família; pressão do grau de responsabilidade). Tais dimensões serão descritas na seção de análise e resultados. As respostas aos itens são dadas por meio de uma escala do tipo Likert, com um intervalo de 6 pontos, onde 1 se refere a “Nunca me afeta” e 6 a “Sempre me afeta”.

Foi também utilizado um formulário sociodemográfico com 14 questões, onde o entrevistado relacionou sua idade, sexo, estado civil, renda, nível de escolaridade, se estuda atualmente, o tempo total de serviço como docente, o tempo de serviço como docente na atual escola, nível de ensino que atua, número médio de aluno, número de escolas que atua no momento e também em qual nível, e a carga horária total de trabalho por semana em sala de aula nos últimos seis meses.

Os dados utilizados neste trabalho são parte de um projeto maior, intitulado “Docentes e Saúde Psíquica no trabalho”, registrado no Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFAL-MG, perante o número 3.156.204. Os dados foram coletados e tabulados em um trabalho conjunto pela equipe de discentes participantes do projeto, coordenado pela professora Virgínia Donizete de Carvalho. Esse fragmento tem como objetivo estudar sobre os fatores referentes à Escala de Avaliação de Estressores Psicossociais no Contexto Laboral, considerando os fatores sociodemográficos de gênero e renda.

As ferramentas estatísticas utilizadas foram processadas pelo software de pacote estatístico (*Statistical Package for Social Science*), (SPSS). Utilizamos cálculo de médias e desvio padrão, análises de frequência, testes *t* e análises de correlação. Cada processo estatístico utilizado será descrito nos resultados em suas aplicações e análises.

## **4 RESULTADOS**

Essa seção ocorre para abordar os resultados obtidos pelo questionário EAEPCL. As análises serão divididas como o referencial teórico, primeiramente é analisado a relação como é percebido os estressores por gênero. E a segunda parte relaciona como os estressores são percebidos em relação a variação de renda.

#### 4.1 PERCEPÇÃO DOS ESTRESSORES POR GÊNERO

Após a tabulação dos dados de forma virtual, eles foram processados pelo aplicativo estatístico SPSS o que retornou informações que podem ser interpretados diante o processo de cálculo utilizado. Para analisar os fatores estressores entre gênero, será observado os valores de média, desvio padrão e teste t.

Abaixo segue a tabela com os dados extraídos do SPSS que apresenta a média, o desvio padrão e o teste-t, do sexo feminino e masculino diante as situações que podem ocorrer no ambiente de trabalho, onde é analisado se existe base estatística para interpretar que os estressores afetam de forma diferente esses indivíduos. Antes se apresenta um breve conceito dos cálculos estatísticos contidos na tabela.

Média reflete a posição ou tendência central de uma amostra, ela é a mais influenciada pelos valores discrepantes (BARBETTA; REIS; BORNIA, 2004). Desvio padrão consiste em expressar o grau variação entre um determinado dado até à média. De acordo com Martins (2013) o desvio padrão é uma medida que só pode conter valores positivos, e quanto maior o valor maior será a difusão das informações.

De acordo com os resultados obtidos pelo teste-t nos sete fatores, as médias de percepção dos estressores não apontam diferenças entre sexo, pois os níveis de significância apresentaram valores acima de  $p < 0,05$ .

**TABELA 1- Medidas de média, desvio padrão e teste T da percepção dos estressores em relação à gênero**

Estressores	Mulheres		Homens		Teste T	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão		
Conflito e ambiguidade de papeis	2,961	1,354	2,956	1,239	t=-0,32	p=0,974
Sobrecarga de papeis	3,946	1,217	3,788	1,346	t= -1,023	p= 0,307
Falta de suporte social	2,296	1,037	2,299	1,042	t= 0,021	p= 0,983
Insegurança na carreira	3,626	1,127	3,584	1,287	t= -0,289	p= 0,773
Falta de autonomia	3,3	1,45	3,15	1,36	t= -0,854	p= 0,394
Conflito trabalho/família	3,72	1,16	3,54	1,22	t= -1,282	p= 0,201
Pressão do grau de responsabilidade	3,7	1,29	3,74	1,31	t= 0,241	p= 0,81

Fonte: dados da pesquisa.

De uma forma geral não se nota significância da diferença entre as médias dos estressores em relação ao sexo masculino e feminino, portanto não se tem base estatística para afirmar que os estressores afetam de maneira diferente quanto ao sexo do indivíduo. Mas

através da tabela, podemos observar que alguns estressores são mais percebidos, de modo geral, pelos indivíduos do que outros. A sobrecarga de papéis apresentou a maior média, seguida da pressão do grau de responsabilidade, insegurança na carreira e conflito trabalho/família. Podemos concluir a partir desses dados que, mesmo que a percepção de ambos os sexos, não apresente significância, todos sentem de uma forma mais intensa alguns fatores do que outros.

O fator que apresentou a maior média é sobrecarga de papéis. As frases a serem analisadas nesse nicho estão relacionadas às demandas de trabalho que o indivíduo recebe, como por exemplo, ter que sempre estar atualizado, ser multitarefas, ter mais foco em determinadas épocas do ano, entre outras.

Em seguida temos a pressão do grau de responsabilidade, percebida como segundo fator que os indivíduos mais sentem. Esse fator é junção de questões referentes a como as pessoas lidam quando tem responsabilidade alta ou baixa, sobre coisas (equipamentos, máquinas) ou pessoas. A análise da média mostra que homens e mulheres se sentem mais estressadas quando precisam se preocupar com os erros, saber quais podem ou não cometer, como esses erros terão impacto na vida das pessoas e colegas de trabalho.

Depois temos insegurança na carreira e conflito trabalho/família. O primeiro relacionado à estabilidade do emprego, preocupações com as mudanças no trabalho, permanência no cargo, entre outros. Já o segundo, tem relação com a dificuldade da pessoa em lidar com seu trabalho e sua família, acarretando inseguranças como falta de tempo na vida pessoal por causa do trabalho, dificuldades para cuidar da família devido às atividades remuneradas e trabalhar em casa.

Seguindo os resultados das médias da tabela apresentada, pode-se perceber que temos fatores que os indivíduos caracterizaram como questões que não contribuem tanto para uma situação de estresse, em relação aos apresentados acima, são eles: falta de autonomia, conflito e ambiguidade de papéis e falta de suporte social, respectivamente.

## 4.2 PERCEPÇÃO DOS ESTRESSORES QUANTO A RENDA

Para analisar a percepção de cada estressor em relação a renda foi gerado através do SPSS a correlação de Pearson. O coeficiente de correlação Pearson consiste em uma relação linear entre duas variáveis quantitativas (FILHO, D.B.F; JÚNIOR, J.A.S; 2009) e expressa o grau de correlação através de valores situados no intervalo de -1 e 1.

Ou seja, quando o coeficiente de correlação se encontra próximo de 1, há uma relação linear positiva. E quando o coeficiente se aproxima de -1 existe uma correlação negativa ou inversa. Abaixo segue as correlações de cada fator em relação a renda.

Diante os resultados entre a correlação de renda e os estressores analisados, pode se perceber há apenas uma correlação significativa existente. Como mostra a tabela, os valores de r da maioria dos fatores estão bem próximos de 0, o que significa uma correlação nula entre a renda e o fator analisado.

O fator que apresentou uma correlação com significância, entre os observados foi, insegurança na carreira, com um  $r = -0,248$ . O que significa uma correlação negativa, ou seja, quanto menor a renda maior a insegurança na carreira percebida pelo docente.

**Tabela 2- Medidas de correlação de Perason entre renda e os estressores analisados**

Estressores	Renda	
	Correlação de Pearson	Significância
Conflito e ambiguidade de papeis	$r = -0,063$	$p = 0,259$
Sobrecarga de papeis	$r = -0,029$	$p = 0,602$
Falta de suporte social	$r = -0,108$	$p = 0,051$
Insegurança na carreira	$r = -0,248$	$p = 0$
Falta de autonomia	$r = 0,046$	$p = 0,409$
Conflito trabalho/família	$r = 0,012$	$p = 0,833$
Pressão do grau de responsabilidade	$r = -0,038$	$p = 0,493$

Fonte: dados da pesquisa

Essa correlação é bastante coerente com a realidade. A insegurança na carreira, dentre diversos fatores, pode ser relacionada com o salário que o docente recebe, pois está ligado com questões de reconhecimento e desenvolvimento de seu trabalho. É natural que o indivíduo interprete uma renda baixa como uma crítica ao seu trabalho, o deixando inseguro e também, em uma situação contrária, estabelecendo segurança aqueles com altas remunerações.

Os demais fatores apresentaram uma correlação muito pequena, com um r próximo de zero e, portanto, sem significância. A partir dos dados analisados, podemos concluir que não

há dependência da variação da renda nos fatores que foram analisados, salvo a exceção do fator 4, a insegurança no trabalho.

Portanto diante a análise, tem se como resultado a não diferença de percepção dos estressores quanto à gênero, e aponta os estressores mais percebidos entre os docentes através das médias. E a análise de correlação de Person entre a renda e os sete estressores resulta em uma correlação fraca e negativa entre a renda e o fator insegurança na carreira, e os demais fatores resultaram em uma correlação nula, próximas de zero.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho teve como objetivo descrever os estressores psicossociais presentes no trabalho dos docentes das escolas públicas da rede estadual de um município da região Sul de Minas Gerais, avaliando as diferenças de percepção dos estressores de acordo com o gênero e o nível de renda.

Diante os resultados obtidos através da pesquisa realizada, a resposta é que não houve diferença de percepção dos estressores quanto a gênero, mas considerando-se a amostra total (docentes de ambos os sexos), quatro fatores apresentaram maiores médias, indicando serem mais problemáticos, sendo eles: sobrecarga de papeis, pressão do grau de responsabilidade, conflito trabalho-família e insegurança na carreira. Em comparação ao nível de renda, apenas o fator insegurança no trabalho apresentou uma correlação fraca e negativa, sinalizando que quanto maior a renda, menor a percepção desse estressor.

O fator sobrecarga de papeis ter obtido médias altas faz todo sentido, ao considerar as tarefas designadas e esperadas na rotina dos docentes. É uma função a qual eles devem estar constantemente atualizados com os mais diversos assuntos ministrados em aulas e adaptados a novas tecnologias. Além dessa função, existem tarefas extracurriculares, que podem variar a demanda diante de determinadas épocas do ano, organização de atividades extraclasse, tarefas administrativas, reuniões pedagógicas, dentre outras tarefas, além das necessidades dos alunos quanto à aprendizagem.

Quanto ao fator pressão do grau de responsabilidade ter também se destacado entre os estressores, pode ser explicado devido ao caráter da profissão. Os docentes são formadores de indivíduos de intelecto, através do ensino e aprendizagem. Diante da ligação direta do docente e a formação de futuros seres humanos pensadores e profissionais, o errar se torna mais intenso.

Tendo seu local de trabalho, como um ambiente em que comporta conflitos e subjetividades, o comprometimento e responsabilidade do professor são fundamentais para a construção de uma escola que ofereça uma educação adequada e que corresponda às necessidades dos alunos. É compreensível que, diante de toda essa responsabilidade e a falta de suporte se transforme em um estressor, já que tem influência direta na vida de alunos e na formação de um pensamento, senso crítico.

Observa-se que o fator conflito trabalho-família, apontado como o terceiro fator mais percebido entre os docentes como um estressor, tem relação com o fator sobrecarga de papéis, pois além das atividades profissionais esperadas dos docentes, cuja demanda, muitas vezes excede o que o indivíduo pode lidar, exigindo um esforço cada vez maior para atender tudo o que lhe é exigido, vemos que as tarefas pessoais diante de suas famílias e consigo mesmos não são excluídas. Conciliar esses dois fatores não é uma tarefa fácil, requer do docente uma boa gestão de tempo, pois o seu trabalho necessita de múltiplas tarefas, dentro e fora da instituição e isso pode gerar um esgotamento físico e mental.

Também coerente, a insegurança na carreira, se apresenta como o quarto fator mais percebido. Pode-se citar como uma das possíveis razões, o descaso dos responsáveis governamentais à categoria. Rumores de corte do pessoal, a dificuldade financeira do Estado, possibilidades de mudança e instabilidade de permanência, são as características que consternam os docentes e são representadas nesse fator.

Visto os fatores que mais são percebidos como estressores pelos docentes, pode se concluir o quão esse trabalho exige daqueles que escolhem, estudam e se desenvolvem para exercer, lidar com sobrecarga de papéis, um alto grau de responsabilidade, conflito em conciliar trabalho-família e ainda lidar com a insegurança na carreira é um combo árduo.

Referente à análise de correlação entre renda e os fatores estressores psicossociais, o fator insegurança na carreira, foi o único a apresentar correlação negativa, ainda que fraca. A insegurança na carreira, está diretamente ligada ao quanto o indivíduo se sente seguro ou não no seu trabalho, ou quanto esse trabalho oferece a segurança que ele demanda, um resultado negativo na variação entre esse fator e a renda, pode indicar um indivíduo desestabilizado e preocupado com sua profissão e seu futuro nela, e isso atinge outros aspectos da vida desse indivíduo, aspectos esses pessoais, sociais, econômicos, mostrando o impacto não somente limitado a carreira. Esse resultado que indica que quanto menor a renda do profissional, maior a sua insegurança com o cenário atual das políticas públicas na educação brasileira.

Com base no conjunto dos resultados obtidos, é possível afirmar que este estudo pode contribuir para ampliar a discussão sobre os estressores no trabalho docente, de modo a

chamar a atenção dos responsáveis pelas políticas públicas quanto às condições de trabalho na educação e o tratamento direcionado aos docentes brasileiros. E instiga estudos futuros quanto a analisar em outras regiões do país os fatores que consternam os docentes aqui estudados, os quais atuam em escolas públicas estaduais localizadas no Sul de Minas Gerais.

Cuidar dessas e de outras questões que atribulam a profissão dos docentes é como tornar um solo fértil para que a produção de alimento seja prospera e sadia. Ignorar esses fatores reflete negativamente em toda uma população e seu desenvolvimento. Portanto, esses profissionais precisam ser valorizados e ouvidos pelos responsáveis das políticas educacionais, pois eles estão entre os formadores do futuro da nação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M. et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1117-1129, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2006.v11n4/1117-1129/>> . Acesso em: 22 abr. 2020.

BARBETTA, P. A; REIS, M. M; BORNIA, A. C. **Estatística: para cursos de engenharia e informática**. São Paulo: Atlas, 2004. Disponível em: <<http://paginapessoal.utfpr.edu.br/sheilaro/probabilidade-e-estatistica/Cap3Anliseexploratriadedados.pdf>> . Acesso em: 05 out. 2020.

FERREIRA, M. C. et al. Escala para avaliação de estressores psicossociais no contexto laboral: construção e evidências de validade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 2, p. 340-349, 2015. Disponível em :< [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722015000200340&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722015000200340&script=sci_arttext&tlng=pt)> . Acesso em: 15 fev. 2020.

FIGUEIREDO FILHO, D.B.F., SILVA JÚNIOR, J.A.S., Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson (r). *Revista Política Hoje*, Vol. 18, n. 1, 2009. Disponível em : <[http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/2766/2009\\_figueiredo\\_desvendando\\_misterios\\_coeficiente.pdf?sequence=1](http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/2766/2009_figueiredo_desvendando_misterios_coeficiente.pdf?sequence=1)> . Acesso em: 20 out. 2020.

FREITAG, R. M. K. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência?. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/205452684.pdf>> . Acesso em: 02 ago. 2020.

MARTINS, E.G.M., (2013) Desvio padrão amostral, *Rev. Ciência Elem.*, V1(1):022. Disponível em: <[https://www.fc.up.pt/pessoas/jfgomes/pdf/vol\\_1\\_num\\_1\\_18\\_art\\_desvioPadraoAmostral.pdf](https://www.fc.up.pt/pessoas/jfgomes/pdf/vol_1_num_1_18_art_desvioPadraoAmostral.pdf)> . Acesso em: 26 set. 2020.

MARTINS, M. G. T. Sintomas de stress em professores brasileiros. **Revista Lusófona de Educação**, n. 10, p. 109-128, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-72502007000200009&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-72502007000200009&script=sci_arttext&tlng=en)> . Acesso em: 19 fev. 2020.

NEVES, M. Y. R.; BRITO, J. C.; MUNIZ, Hélder Pordeus. A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. e00189617, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csp/2019.v35suppl1/e00189617/pt/>> . Acesso em: 06 jun. 2020.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, Á. Validação da escala de estresse no trabalho. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, n. 1, p. 45-52, 2004. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000100006&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000100006&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 02 fev. 2020.

REIS, E. J. F. B. d. et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. 1480-1490, 2005. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csp/2005.v21n5/1480-1490/>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

RODRIGUES, W. C.; et al. Metodologia científica. **Faetec/IST. Paracambi**, p. 01-20, 2007. Disponível em: <[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/33851445/metodologia\\_cientifica.pdf?](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/33851445/metodologia_cientifica.pdf?)>. Acesso em: 02 ago. 2020.

TAMAYO, M. R.; MENDONÇA, H.; SILVA, E. N. Relação entre estresse ocupacional, *coping* e *burnout*. In: FERREIRA, M. C.; MENDONÇA, H. (Orgs.). **Saúde e bem-estar no trabalho: dimensões individuais e culturais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

UNESCO. O perfil dos professores: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna; 2004. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

WEBER, L. N. D. et al. O estresse no trabalho do professor. **Imagens da educação**, v. 5, n. 3, p. 40-52, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/25789>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ZANELLI, J. C. Estresse nas organizações de trabalho. In: BENDASSOLI, P.; BORGESANDRADE, J. E. **Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

**ANEXOS****ANEXO A - Ficha Sociodemográfica****1. Idade:**

- Até 21 anos.  
 De 22 a 30 anos.  
 De 31 a 40 anos.  
 De 41 a 50 anos.  
 De 51 a 60 anos.  
 Acima de 60 anos.

**2. Sexo:**

- Masculino  Feminino

**3. Estado Civil:**

- Casado(a)  Solteiro(a)  
 Divorciado(a)/Separado(a)  Divorciado(a) e vivendo com outra pessoa  
 Vivendo com outra pessoa  Viúvo(a)

**4. Renda**

- de 1 a 3 salários mínimos  
 de 3 a 5 salários mínimos  
 de 5 a 7 salários mínimos  
 de 7 a 9 salários mínimos  
 mais de 9 salários mínimos

**5. Nível de escolaridade**

- Ensino Médio  
 Ensino superior (graduação)  
 Especialização  
 Mestrado  
 Doutorado

**6. Estuda atualmente? Se sim, favor especificar o nome do curso e também a modalidade (graduação, mestrado, doutorado ou especialização)**

- Sim. Qual? \_\_\_\_\_  Não

**7. Tempo de serviço total, incluindo a atuação em outras profissões: \_\_\_\_\_****8. Tempo total de serviço como Docente: \_\_\_\_\_****9. Tempo de serviço como Docente nessa escola: \_\_\_\_\_**

**10. Tipo de vínculo empregatício nessa escola:**

Efetivo  Contratado  Outro

**11. Níveis de ensino em que trabalha nessa escola (Caso atue em mais de um, assinalar):**

Ensino Fundamental do 1° ao 5° ano

Ensino Fundamental do 6° ao 9°

Ensino Médio

**12. Carga horária total de trabalho por semana em sala de aula (incluindo todas as escolas que atua no momento) :**

**13. Número de escolas em que atua no momento (caso atue em mais de uma, assinalar) :**

Escola pública da rede estadual

Escola pública da rede municipal

Escola da rede privada de ensino

**14. Níveis de ensino em que trabalha em outras escolas (Caso atue em mais de um, assinalar) :**

Ensino Fundamental do 1° ao 5° ano

Ensino Fundamental do 6° ao 9°

Ensino Médio

Não atuo em outras escolas

**Anexo B - Escala de Estressores Psicossociais no Contexto Laboral**

Este questionário pretende conhecer suas impressões sobre seu ambiente de trabalho. A seguir, você encontrará várias frases que representam diferentes situações que podem ocorrer no dia-a-dia do trabalho. Sua tarefa consiste em ler cada frase cuidadosamente e dizer **EM QUE MEDIDA ELA REPRESENTA ALGO QUE ESTÁ PRESENTE NO SEU CONTEXTO DE TRABALHO E QUE LHE INCOMODA E/OU TRANSMITE ALGUM TIPO DE MAL-ESTAR**. Para responder, escolha o ponto da escala abaixo que melhor descreve sua opinião, assinalando um **X** na coluna que lhe corresponde.

1	2	3	4	5	6
<b>Nunca</b>	<b>Raramente</b>	<b>Ocasionalmente</b>	<b>Com certa Frequência</b>	<b>Frequentemente</b>	<b>Sempre</b>

	1	2	3	4	5	6
1. Conviver com rumores sobre a possibilidade de mudanças no trabalho						
2. Não ser ouvido por meus superiores quando tenho algum problema pessoal						
3. Não dispor de tempo para minha vida pessoal em função do trabalho						
4. Trabalhar duro para cumprir minhas tarefas						
5. Não receber ajuda de meus colegas quando tenho algum tipo de problema pessoal						
6. Ter que trabalhar de forma coordenada com meus colegas de trabalho						
7. Saber que estão sob minha responsabilidade no trabalho os recursos materiais da instituição						
8. Não receber ajuda de meus colegas quando tenho algum problema no trabalho						
9. Ter maior concentração de trabalho em certas épocas do ano						
10. Levar trabalho para casa						
11. Não receber ajuda de meus superiores quando tenho algum problema pessoal						
12. Não ser ouvido por meus colegas quando tenho algum problema no trabalho						
13. Não poder cuidar direito de minha família em função do trabalho						
14. Conviver com a situação de dificuldade financeira do Estado						
15. Ter que me manter constantemente atualizado						
16. Não poder decidir sobre quando me ausentar temporariamente do meu local de trabalho						
17. Não poder decidir sobre quando tirar férias						
18. Realizar várias tarefas ao mesmo tempo						
19. Saber que meus erros podem prejudicar a mim mesmo(a)						
20. Não poder estabelecer meu próprio ritmo de trabalho						
21. Ter um ritmo acelerado de trabalho						
22. Não poder decidir sobre quando fazer pausas durante meu horário de trabalho						
23. Ter dificuldade de conciliar as questões profissionais com as familiares						
24. Conviver com rumores sobre cortes de pessoal						
25. Saber que meus erros podem afetar o trabalho de outros colegas						
26. Ser solicitado(a) a fazer coisas que vão contra meus próprios princípios						
27. Não me desligar do trabalho mesmo quando estou em casa						
28. Não poder planejar minhas horas de trabalho						
29. Saber que meus erros podem interferir negativamente na vida de outras pessoas						
30. Trabalhar em um ambiente de instabilidade quanto à minha permanência no emprego						

31. Receber instruções contraditórias sobre o que fazer no trabalho						
32. Não haver concorrência quanto à margem de autonomia que é informada em meu trabalho						
33. Não ter clareza quanto as tarefas que são de minha responsabilidade (minha função)						
34. Não ser ouvido por meus colegas quanto tenho algum problema pessoal						
35. Não saber exatamente o que se espera de mim em meu trabalho						